

APRESENTAÇÃO

**NARRATOLOGIA E SUAS
INTERFACES:
SAÚDE E EDUCAÇÃO¹**

Ana Paula Santana^{*}

Universidade Federal de Santa Catarina

Rita Signor^{**}

Hospital Infantil Joana de Gusmão

Sandra Maia-Vasconcelos^{***}

Universidade Federal do Ceará

Temos bons motivos, de acordo com Motta (2013), para estudar narrativas: a) compreender quem somos a partir das nossas próprias narrativas; b) compreender como representamos o mundo; c) compreender como, às vezes, tentamos representar o mundo, imaginativamente ou não; d) compreender como representamos o tempo, tornando o tempo humano; e) verificar como as narrativas estabelecem consensos a partir dos dissensos; e f) estudá-las para melhor contá-las. Segundo Motta (2013, p. 17),

O homem narra: narrar é uma experiência enraizada na existência humana. É uma prática universal, trans-histórica, pancultural. Narrar é um metacódigo universal. Vivemos mediante narrações. Todos os povos, culturas, nações e civilizações se constituíram narrando. Construimos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos. O acontecer humano é uma sucessão temporal e causal. Vivemos as nossas relações conosco mesmo e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados.

A universalidade das narrativas fez com que se propusesse até mesmo uma metáfora para a evolução na espécie humana, de *Homo Sapiens* para *Homo Narrans*, termo que vem sendo utilizado, desde o final do século passado, por alguns dos estudiosos do campo da Narrativa. Kurt Ranke, entomologista, e Walter Ficher, jornalista, utilizaram esse termo de forma independente, mas com a mesma ideia: conceber a narrativa como constitutiva do ser humano. Victorri (2002), também partindo dessa ideia, argumenta que a função narrativa desempenharia a emergência da linguagem e permitiria explicar as propriedades sintáticas e semânticas das línguas, o que estaria em acordo com os estudos sobre a história da hominização e da organização social da nossa espécie. Para

¹ As autoras agradecem ao CNPq pelo financiamento deste trabalho (Processo: 421051/2022-1).

^{*} Fonoaudióloga. Mestre e Doutora em Linguística. Docente da Pós-Graduação em Linguística e da Pós-Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Cultura e Educação (GELCE) - UFSC/CNPq. E-mail: ana.santana@ufsc.br.

^{**} Pós-doutora em Fonoaudiologia pela Curtin University. Doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Fonoaudióloga do Hospital Infantil Joana de Gusmão. Membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Cultura e Educação (GELCE) - UFSC/CNPq. E-mail: ritasignor@gmail.com.

^{***} Professora Titular do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. Líder do GELDA - Grupo de Estudos Linguísticos em Discurso Narrativo, certificado e registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPQ. E-mail: sandramaiavf@gmail.com.

Victorri (2002, p. 124, tradução nossa)², “[o] homem é um Homo narrans, já que não é a inteligência que o distinguiria das outras espécies de Homo sapiens que o precederam, mas sim a capacidade de contar sua própria história, fonte de uma nova “sabedoria” fundadora das sociedades humanas”.

Embora seja próprio da espécie humana, ainda não se sabe quando o homem começou a narrar. Para Barthes (2011, p. 62): “[...] sem querer forçar a hipótese filogenética, pode ser significativo que isso ocorra no mesmo momento (em torno dos três anos) em que o filho do homem ‘inventa’ ao mesmo tempo a frase, a narrativa e o Édipo”. Essas reflexões nos levam a pensar sobre a infinitude de narrativas e de possibilidades de seu estudo (histórico, psicológico, estético, etnográfico, linguístico, neuropsicológico, entre outros). A sequência de acontecimentos que compõem uma narrativa pode ser estudada de várias formas, desde o livro do *Gênesis* até os textos literários mais atuais. Por sua amplitude e diversidade, não é possível, evidentemente, encaixar a narrativa em uma estrutura fixa, a despeito do tempo e do espaço em que ela é produzida (Viana, 2012).

As narrativas podem se apresentar nas mais variadas formas: confissões, diários, biografias e autobiografias, entrevistas, depoimentos, relatos pessoais, histórias de vida, testemunhos, além dos gêneros narrativos próprios à literatura. A narrativa está intrinsecamente ligada à ideia de tempo e de memória (Ricoeur, 2010), e é composta por fatos que se entrelaçam e se organizam a partir de uma intencionalidade, seja ela ficcional ou real, seja ela menos ou mais subjetivada. As histórias narradas, sejam elas escritas, orais, sejam ainda visuais (fotos, gravuras, quadinhos, gestuais) apresentam sempre um caráter de temporalidade para serem consideradas uma narrativa – o que não implica uma linearidade em sentido único, tampouco uma tipicidade cristalizada sobre modelos pré-estabelecidos em manuais tradicionais (Viana, 2012). É importante que se destaque que o aspecto temporal de uma narrativa seguirá o fluxo do pensamento do sujeito que narra (Vasconcelos, 2016), elemento que, por excelência, já descarta uma estrutura rígida tradicionalmente defendida por autores como Campbell (2007) e Cavalcante (2019).

A relação entre memória e narrativa tem sido considerada em diversos campos de estudo. Santos (2023) afirma que as narrativas não são apenas uma forma de expressão, mas um meio de manutenção da memória e da cultura, em uma contínua transmissão de saberes entre as gerações, levando alguns estudiosos a conceberem a narrativa como um verdadeiro paradigma da comunicação humana. É por meio das narrativas de vida que os sujeitos constroem sentidos acerca de si e de sua existência no mundo. Desse modo, para alguns pesquisadores, analisar histórias de vida permite alcançar e compreender aspectos das relações humanas em sociedade (Bastos; Biar, 2015), uma vez que os sujeitos estão no mundo e fazem parte da história e da memória do mundo com suas histórias individuais, construindo a história coletiva. Nesse diapasão, é inegável a relação entre narrativas e a memória. Se narrar é evocar um fato passado ou mesmo recontar um discurso ouvido ou um texto lido, não há uma linha divisória entre linguagem e memória, sendo essas atividades cognitivas constitutivas e mediadas socialmente (Morato, 2001).

As narrativas são verdadeiras ou falsas, com grandes tramas ou pequenas emendas, com distorções ou enredos mirabolantes que se afastam do que é esperado para dar visão a algo inesperado, a algo que se possa fugir do canônico e nos desperte interesse. Nosso convívio com as histórias acontece desde a nossa infância (Bruner, 2014), e, a partir de então, permite-nos o que Bruner denomina de “fabricar histórias”, ou seja, preencher as lacunas que são deixadas pelos lapsos de esquecimento ou alheamento por não termos realmente vivido aquilo que desejamos relatar – então, fabricamos.

Alguns trabalhos sobre aquisição das narrativas buscam conhecer as diferentes formas de se narrar e tentam, assim, categorizar enredo, personagens, trama, dentre outros aspectos, que, em algumas narrativas, são dificilmente perceptíveis, como nos monólogos shakespearianos. Os estudos não são recentes e estão presentes principalmente no campo dos estudos da linguagem (Stein; Trabasso, 1982; Vaz; Lobo; Lousada, 2020), mas são ricos e nos servem como ilustração de tipicidade.

Uma das grandes pesquisadoras sobre narrativas infantis, a psicóloga americana Nancy Stein, no seu trabalho *The Definition of a Story*, de 1982, destaca a história como presente em muitas culturas e ressalta os estudos sobre narrativas que envolvem diferentes olhares e campos, como psicologia, literatura, antropologia e sociologia. Para Stein (1982), as narrativas vêm sendo contadas como

² No original: “L’homme est un Homo narrans, puisque ce n’est pas l’intelligence qui le distinguerait des autres espèces d’Homo sapiens qui l’ont précédé, mais la capacité à raconter sa propre histoire, source d’une nouvelle « sagesse » fondatrice des sociétés humaines” (Victorri, 2002, p. 124).

forma de preservar a cultura da nossa civilização. Elas preservam histórias que são passadas de geração em geração. Além disso, as narrativas também podem ser consideradas uma forma de reorganização da experiência pessoal, autorreflexão, transmissão de valores para uma determinada cultura, estratégias de ensino e aprendizagem, dentre outras tantas funções. Para a autora, a discussão sobre o que é uma “boa” história é muito ampla, pois não existe um esquema pré-determinado para isso. Há histórias que não apresentam metas ou planos, outras que têm uma dimensão afetiva menor, por exemplo. O fato é que as histórias não têm, obrigatoriamente, que cumprir enredos fixos. Isso leva a entender que, seja ela oral ou escrita, não existe uma única característica definida para conceituar uma história que, aliás, pode ser de diferentes categorias (terror, romance, aventura, dentre outras) e de distintas formas de organização como veremos a seguir.

Os estudos contemporâneos sobre narrativa retomam o trabalho pioneiro de Labov e Waletzky (1967), que definiram a narrativa como uma técnica linguística específica para relatar eventos passados, demonstrando que sua compreensão está estruturada em uma organização formal. A partir desse estudo inicial, diversas pesquisas foram desenvolvidas, analisando uma ampla gama de contextos, desde contos até narrativas presentes na vida cotidiana.

Segundo Bruner (1991), a estrutura das narrativas é condicionada pelo contexto e pela seleção de aspectos específicos da experiência a serem relatados. Dessa forma, contar histórias de vida não se limita a transmitir um “real” preexistente, mas se vincula à construção de sociabilidades, à conformação da experiência em padrões sociais de aceitação e à produção de um sentido de identidade e percepção do mundo (Bastos; Biar, 2015), determinando, assim, o que é considerado relevante para ser narrado em uma determinada comunidade.

Na área da educação, a pesquisa narrativa tem se voltado para analisar relatos de experiência voltados para o ensino e a aprendizagem. A psicologia discursiva, por sua vez, interessa-se pela análise de história de vida visando compreender a constituição das subjetividades. Na teoria literária da narrativa, existem estudos que consideram desde a perspectiva estrutural da narratologia até empreitadas mais contemporâneas que pesquisam a narrativa ficcional na interdisciplinaridade e em diferentes mídias (Bastos; Biar, 2015).

A análise do discurso (AD), em sua interface com a teoria da narrativa, prevê a interdiscursividade como uma qualidade inerente a toda narrativa de vida (Carvalho, 2016). Ainda sob o escopo da AD, Carvalho (2016) diz que a narrativa nos remete a uma contação – relato de vida – mais como um processo do que como um produto (uma história pronta, finalizada). Nesse recorte, o sujeito que se empenha em narrar torna-se, ao mesmo tempo, autor e protagonista de uma história narrada à sua maneira. Ao confeccionar tal história, o sujeito utiliza as estratégias languageiras que mais lhe convêm para dar a si mesmo e à sua vida os contornos que mais lhe agradam, ainda que isso ocorra de modo inconsciente.

Bakhtin (2016), como teórico da narrativa, dedicou-se à percepção do tempo na criação verbal, algo de suma importância, uma vez que tanto a experiência como a criação são manifestações marcadas por sua temporalidade. O tempo, na perspectiva dialógica da linguagem, não faz parte da estrutura da narrativa, mas a narrativa, isto é, os gêneros da ordem do narrar, são instâncias estéticas de representação do tempo. Assim, a noção de tempo se distancia das abordagens mais divulgadas sobre o assunto, sobretudo porque desconhece as fronteiras entre a ética e a estética (Machado, 1998). Contrariando muitos de seus contemporâneos, que tomavam a progressão cronológica sequencial como critério para distinguir o tempo da narrativa do tempo da experiência, Bakhtin encontrou formulações que fundaram a noção de tempo na simultaneidade. Machado (1998) diz que a noção de tempo pautada na simultaneidade é uma alternativa para a noção de tempo fechada e determinista, isso porque a vida não é um fenômeno acabado, mas um processo que não pode ser moldado nos limites das leis causais. Bakhtin trabalhou vários conceitos nos seus estudos literários, dentre eles, cronotopo, interdiscurso, exotopia, responsividade, excedente de visão e alteridade. Geraldi (2003) afirma que, no pensamento bakhtiniano, a relação com a alteridade é fundamental e que é através dessa relação que Bakhtin estatuiu o princípio que distingue a relação estética (arte) da ética (vida).

No contexto da saúde, o estudo da narrativa é relativamente recente. Alguns dos marcos mais significativos foram as pesquisas sobre Medicina Narrativa que surgiram no Reino Unido, no final dos anos 1990, com o propósito de incentivar um raciocínio clínico diferenciado. Para Charon *et al.* (2017), trabalhar com a perspectiva da medicina narrativa implica considerar o *setting* da clínica

como uma “recepção generosa”, que é formada por todos os aspectos que envolvem o narrador no ato de contar, tais como palavras, silêncios, gestos, posição, humor, declarações anteriores. Carelli e Pompilio (2013) entendem que, do ponto de vista clínico, a construção de uma narrativa sobre a doença ou sobre o paciente acontece segundo o poder de escolha daquele que narra. No caso, o profissional de saúde é quem escolhe o que contar e encadeia a descrição contida nos laudos de acordo com modelos conhecidos e chancelados cientificamente.

No campo da Fonoaudiologia, os estudos analisam as narrativas em diferentes contextos: pessoas sem e com diferentes diagnósticos (Síndrome de Down, autistas, afásicos, dentre outros) (Oliveira; Bastos, 2014; Lima *et al.*, 2020); narrativas de pais, narrativas de professores, narrativas da mídia sobre um ou outro assunto (Rios *et al.*, 2015), por exemplo. A narrativa tem sido estudada nos seus diferentes ciclos de vida, na criança e no idoso. Bosi (1994), ao estudar a narrativa de idosos como metodologia de análise, ressalta que a veracidade do narrador não é o mais relevante, nem seus erros e lapsos sobre a história oficial, pois o que interessa está no que foi lembrado e escolhido para perpetuar-se na história da vida desses idosos.

A narrativa pode também ser estudada a partir de diferentes grupos sociais. Há estudos interessados, por exemplo, em analisar o discurso de pessoas marginalizadas e analisar fenômenos históricos relacionados à imigração, ao trabalho, à identidade, ao gênero, dentre outros (Ferreira; Amado, 1996). Ao trabalhar com narrativas de pessoas vulneráveis, o pesquisador é consciente de que encontrará uma grande variedade de manifestações de afetos e sentimentos, bem como diferentes formas de sofrimento. Desse modo, as distintas formas de complexidades emocionais e psicológicas vêm como uma realidade esperada nesses relatos. Veremos, nos textos a seguir, temas universais que tratam de superação, de perda, de esperança, de resiliência, mas, sobretudo, essas narrativas poderão nos servir como forma de educar e de conscientizar sobre os males sociais que nos cercam, os estigmas com os quais convivemos e de nos fazer despertar para as adversidades enfrentadas por tantas pessoas, mas que desconhecemos.

É por isso que podemos considerar a narrativa também como um lugar privilegiado para a análise de problemas de pesquisa ligados à construção identitária e interação social (Bastos; Biar, 2015). Para os autores, os dados não falam por si, tampouco descrevem uma realidade, e o conhecimento gerado em campo é sempre produzido por um sujeito-pesquisador, ele é um ator social, que, pelas lentes de suas próprias condições identitárias e contextuais, enxerga seu objeto sob um determinado olhar e constrói sobre o campo de pesquisa uma narrativa única. Desse modo, o mundo social surge no âmbito do discurso. Não se credita mais um sentido universalmente válido às coisas do mundo; isto é, os significados sociais não são passíveis de descoberta, e sim de construção *interativa*. Esse modo de produção de sentidos na pesquisa social passa a se pautar, inevitavelmente, no diálogo multidisciplinar entre diferentes modos de se pensar as práticas humanas.

A narrativa se configura assim como espaço de interação e de produção de novos sentidos, do movimento que a faz existir condensando forças e as colocando em tensão, garantindo a existência do singular e, ainda, construindo outro jeito de generalidade, sem se basear na fixidez, mas no fértil espaço da provisoriedade, como a imagem de um caleidoscópio em movimento. A escrita da palavra, nesse sentido, pode ser pensada no campo da encenação, posto que é configurada, transformada e apropriada de diversas maneiras, não sendo a verdade fixa, mas a verdade proposta, a partir de um campo referencial de outras vozes (Sobral, 2016), que tornam possível criar as pontes de significação (Vieira; Reyes, 2018).

É assim que um sujeito que se dispõe a narrar a vida de outra pessoa, recorrendo a entrevistas, documentos, cartas ou livros de caráter biográfico, torna-se o autor/narrador da história. Esse sujeito seleciona – e silencia – certos dados, organizando os acontecimentos de modo a atribuir-lhes sentido “[...] e, planejadamente ou não, sugere um ordenamento e uma causalidade pertinente” (Lysardo-Dias, 2012, p. 86). Nesse sentido, a narrativa pode ser considerada como processo discursivo assumido por um sujeito que tem como objetivo contar a vida de um ser que existe ou existiu, seja ele próprio, seja outro. Consideramos, então, que o objeto desse gênero genealógico seja constituído pelos percursos vividos por um sujeito ao longo de sua existência, por momentos trazidos pelas suas próprias lembranças ou pelo acesso direto a documentos e escritos pessoais do personagem-objeto-da-narrativa, ou seja, um todo que envolve não só acontecimentos, mas também sentimentos, relações interpessoais, ideologias, crenças e valores (Carvalho, 2016).

Nesse caso, metodologias qualitativas, como entrevistas em profundidade, grupos focais e análise do discurso, entrevistas narrativas e análise do conteúdo, permitem uma compreensão aprofundada das narrativas individuais e coletivas de indivíduos afetados por

situações de vulnerabilidades diversas. Tais abordagens permitem ainda a exploração das complexidades emocionais, sociais e culturais que influenciam as experiências vividas dos sujeitos, fornecendo *insights* valiosos que auxiliam no processo de análise.

Um tema que se volta para o sensível exige do pesquisador sempre um esforço de criar, junto com o indivíduo que narra, uma situação de interlocução que passa ao largo de uma simples transmissão de informações. Entre pesquisador e interlocutor cria-se uma situação de confiança, de conforto, uma vez que o sujeito que conta sua história é, antes de tudo, um sujeito de experiências que traz consigo uma riqueza a entregar ao pesquisador, com suas narrativas de grande valor e de vivências, às quais o pesquisador deve prestar todo o respeito, consideração, ética e auxílio sempre que possível, sem jamais, no entanto, portar-se como solução para seus possíveis problemas.

Dessa forma, este dossiê tem o objetivo de apresentar, sob diferentes perspectivas, os resultados de pesquisas nos campos da saúde e da educação que tratam sobre narratividade e suas diferentes abordagens, no que tange desde à coleta/entrevista até a análise dos textos coletados. Para tanto, são levados em consideração os métodos de investigação de cada autor e autora presente nesta obra como um modelo de estudo a ser categorizado no campo da narratologia. São estudos que envolvem diferentes campos do conhecimento, mas que se entrecruzam no sujeito de fala – o sujeito a quem se dá voz na essência da pesquisa. Com este dossiê, busca-se colocar em evidência, a partir das narrativas, o sujeito em seu cotidiano, em diferentes processos, bem como incluído nas instituições, a fim de vê-lo na micro e na macroestrutura social. Considerando que as histórias dos sujeitos são potenciais combustíveis à sua narrativização, pretende-se trazer à tona, com os trabalhos aqui apresentados/propostos, relatos de formação e de descoberta da subjetividade – que conta sua história – e as diferentes formas de interpretação da realidade, diante de questões de potencial ruína pessoal ou de resiliência. Com tais parâmetros, avalia-se ser possível a descrição de um método de análise abrangente. É nessa direção, de sujeitos que narram e são narrados pelo outro, e de sujeitos que, na condição de pesquisadores, reenunciam a narrativa do outro, que este Dossiê sobre Narrativas se inscreve.

No artigo *Narrativas Escritas, Bibliográficas e a (re)significação de relações de sofrimento com a leitura e a escrita no ensino superior*, as autoras Ana Paula Berberian, Sammia Klan Vieira e Maria Alzira Leite, ancoradas numa perspectiva social e histórica, analisam as narrativas de estudantes acadêmicos considerando sua relação de sofrimento estabelecida com a linguagem escrita. Relação essa que perpassa suas histórias de vida e são narradas de forma autobiográfica, reverberando o encontro com si mesmos, numa atitude responsiva-ativa em busca da singularidade. As narrativas biográficas, nesse caso, passam a ser consideradas como processos de subjetivação e de autoconhecimento que foi proporcionado por uma Oficina de Promoção do Letramento.

No artigo intitulado *Acompanhamento educacional em ambiente hospitalar na formação inicial de professores*, os autores Simone Maria da Rocha, Maria da Conceição Passeggi e Fernando da Silva Cordeiro analisam narrativas de licenciandos em um contexto hospitalar. É nesse cenário que os licenciandos – entenda-se, narradores – entram em contato com sentimentos próprios ao contexto (adoecer, saúde, doença, morrer, viver, humanização), o que se confronta com termos como educação e aprendizagem. É aí que novos saberes se reorganizam, e a experiência única do ensino no ambiente hospitalar passa a ser o enredo principal, analisado aqui como possibilidade de trabalho, de crescimento e de aprendizagem.

No artigo *Narrating the anguish of being vegan in a non-vegan world*, Fernanda Neres analisa a narrativa autobiográfica de uma pessoa vegana. Seus sentimentos são revelados a partir de seu discurso narrativo, que evidencia um ponto de encruzilhada: o antes e o depois de se assumir vegana. Entre a dor e a angústia de pertencer a um mundo não vegano, a sua narrativa nos faz cúmplices de sua dor. Nessa narrativa distópica, a participante cruza elementos de poder, de discriminação, de vulnerabilidade e de ideologias que perpassam a construção de sua história de vida. Elementos esses que aparecem de forma cíclica após sua tomada de posição, de lugar subjetivo na construção da sua própria história em um mundo não vegano.

No artigo *A trama das narrativas na Clínica Fonoaudiológica: uma estratégia para desvendar a medicalização*, as autoras Ana Paula Santana, Rita Signor e Sandra Maia-Vasconcelos realizam uma análise das narrativas no contexto da saúde a partir de um estudo de caso de uma criança com diagnóstico de Dislexia e TDAH. As autoras trazem à tona o encadeamento das narrativas da avó e da mãe sobre a criança e como seus discursos reverberam concepções medicalizantes da sociedade, criando uma trama já conhecida das

escolas: a exclusão escolar. O diagnóstico adquire um valor de verdade, e o laudo, em forma de narrativa, potencializa discursos patologizantes.

No artigo *O encontro dialogado: um gênero do discurso como possibilidade metodológica para a geração de dados nas pesquisas em ciências humanas*, Ana Lúcia Hermsilla Tamura e Claudia Regina Mosca Giroto, apresentam, sob a luz da perspectiva bakhtiniana, uma análise da narrativa de professores alfabetizadores. Estes autores se propõem a discutir o encontro dialogado e a narrativa escrita como possibilidades de compreensão das concepções de leitura.

No artigo *A fotografia na construção de narrativas*, Alexandre Bergamo examina a incorporação da fotografia nas pesquisas em Ciências Sociais no Brasil e sua intersecção contemporânea com os estudos sobre memória e narrativa. Inicialmente concebida como um documento cujo valor estava restrito à representação visual de pessoas, objetos, rituais ou ofícios, a fotografia, enquanto registro cultural, passou a ser amplamente questionada. Considerada um objeto que transita entre o verbal e o não-verbal, o visível e o não-visível, as reflexões sobre seu papel se expandiram para além de sua função representacional, incluindo sua contribuição na construção de memórias e narrativas individuais e coletivas.

Adiante, na entrevista realizada por Sandra Maia-Vasconcelos a Martine Lani-Bayle, encontramos uma discussão sobre as questões da identidade do sujeito posta em perspectiva narrativa quando Lani-Bayle aporta seu entendimento sobre o conceito de identidade trazendo pontos de vista múltiplos que vão desde o documento de identidade à ultrassonografia, passando pelo nome de batismo até o nome adquirido pelo casamento. Da certidão de nascimento ao epitáfio, o narrar-se está em nosso cotidiano, constituindo nossa identidade na memória do outro. A identidade, em seu sentido mais amplo, é uma tentativa de atribuir significado e coerência à própria vida. Isso implica que a identidade não é fixa ou estática, mas dinâmica e em constante construção através das histórias que contamos sobre nós mesmos.

Para finalizar esta apresentação, apesar do pequeno número de artigos e do reconhecimento da amplitude dos estudos sobre narratividade, ressaltamos a constitutividade entre o homem e a narrativa – parafraseando Benveniste (2005, p. 285). Embora tenhamos substituído o termo “fala” por “narrativa”, acreditamos que essa permuta não modifica a sua essência, outrossim, dá mais consistência a ela: é um homem *narrando* que encontramos no mundo, um homem *narrando* para outro homem, e a *narrativa* ensina a própria definição do homem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARTHES, R. Introdução à análise estrutural das narrativas. In: BARTHES, R. et al. *Análise estrutural das narrativas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 19-62.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *D.E.L.T.A.*, v. 31, n. 4, Especial, p. 97-126, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/Y8HLKnQRjOs8ZpdHjQY4fqH/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BENVENISTE, É. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005 [1958]. p. 284-293.

BRUNER, J. *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

BRUNER, J. *Fabricando histórias: direito, literatura, vida*. Tradução de Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 2007.

- CARELLI, F. B.; POMPILIO, C. E. O silêncio dos inocentes: por um estudo narrativo da prática médica. *Interface: Comunicação Saúde e Educação*, v. 17, n. 46, p. 677-681, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/yDwxhYgkMnn6xrzW4zr4Bzz/>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- CARVALHO, A. T. S. Relações teórico-metodológicas entre a análise do discurso e a narrativa de vida. In: MACHADO, L. I.; MELO, S. (org.). *Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso*. Belo Horizonte, MG: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFGM, 2016.
- CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2019.
- CHARON, R. et al. In *The Principles and Practice of Narrative Medicine*. New York: Oxford, 2017.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- GERALDI, W. Palavras escritas, indícios de palavras ditas. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 3, número especial, p. 9-25, 2003. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/243. Acesso em: 20 nov. 2023.
- LABOV, W. Alguns passos iniciais na análise da narrativa. *The Journal of Narrative and Life History*, v. 7, n. 1-4, p. 1-18, 1997.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis. In: HELM, J. (ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.
- LIMA, R. C. et al. Narrativas de familiares de autistas de Capsi da região metropolitana do Rio de Janeiro: participação, protagonismo e barreiras ao cuidado. *Saúde em Debate*, v. 44, n. 3, p. 144-155, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E313>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- LYSARDO-DIAS, D. Espaços Dialógicos em relatos biográficos. In: *Actes du Colloque Miroir en hommage à Jean Peytard*, 2012. p. 83-90. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Monde10/lysardo-dias.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- MACHADO, I. A. Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica. *Itinerários*, n. 12, p. 33-46, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2910>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- MORATO, E. M. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p. 167-200.
- MOTTA, L. G. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora UNB, 2013.
- OLIVEIRA L. M.; BASTOS L. C. Narrando em colaboração: as construções discursivas de uma pessoa com afasia. *Linguagem em (dis)curso*, v. 4, n. 2, p. 247- 267, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017.140202.2313>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Marcondes Cesar: Campinas, 2010.
- RIOS, C. et al. Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, n. 53, p. 325-336, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0146>. Acesso em: 14 mar. 2024.
- SANTOS, L. A comunicação e as teorias narrativas. *Matrizes*, v. 17, n. 1, p. 291-296, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/195090>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SOBRAL, A. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 123-150.

STEIN, N. L. The definition of a story. *Journal of Pragmatic*, v. 6, n. 5-6, p. 487-507, 1982. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Nancy-Stein5/publication/232354761_The_Definition_of_a_Story/links/5dd96f5e299bf10c5a2e21d3/The-Definition-of-a-Story.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023.

STEIN, N. L.; TRABASSO, T. What's in a story: an approach to comprehension and instruction. In: GLASER, R (ed.). *Advances and Instructional Psychology* - v. 2. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1982. p. 213-267. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281357793_What's_in_a_story_An_approach_to_comprehension. Acesso em: 14 mar. 2023.

VASCONCELOS, S. M. F. A criança e suas narrativas: a (auto)biografia no espelho. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, v. 1, n. 3, p. 584-602, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/62015>. Acesso em: 13 jan. 2025.

VAZ, S., LOBO, M., LOUSADA, M. Avaliação de Narrativas Oraís em Crianças Falantes de Português Europeu (PE): Um Teste Piloto. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, v. 7, p. 368-384, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln7ano2020a22>. Acesso em: 10 nov. 2023.

VIANA, I. R. *A organização narrativa nos récits de vie*. 2012. 106f. – Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8281>. Acesso em: 14 mar. 2024.

VICTORRI, B. Homo narrans: le rôle de la narration dans l'émergence du langage. *Langages*, n. 146, p. 112-125, 2002. Disponível em: https://shs.hal.science/halshs-00009488/file/Homo_narrans.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

VIEIRA, H. E. S.; REYES, C. R. Percursos investigativos na pesquisa: o trabalho com as narrativas do outro. *Ciências em Foco*, v. 11, n. 2, p. 45-55, 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cef/article/view/9800>. Acesso em: 20 jan. 2025.



Recebido e aceito em 27/12/2024.

Publicado em 31/03/2025.